

A bodega-bar de João Macambira



*No meu livro *Águas do Pajeú* tem um poema sobre a bodega-bar*

No mês de janeiro do ano de 1979, o saudoso irmão Betinho estava em São José do Egito, pois tinha ido de João Pessoa para passar a festa de Reis (padroeiro da cidade) e visitar minha mãe Rita Leite. Estávamos em casa e Betinho perguntou onde teria um lugar para a gente tomar uma (bebida alcoólica) e ele tocar violão e cantar. Nessa época, São José do Egito tinha outra configuração devido algumas mudanças em termos de comércio e espaços sociais. A feira, aos sábados não era mais em frente da casa dos meus pais, no centro da cidade. Nas imediações do citado lugar surgiram duas boates, o *Recanto da Juventude* e o *Bambuzinho*. Por causa disso, o movimento noturno cresceu, e com isso, bares e botecos foram abertos.

Por trás da casa dos meus pais, uma bodega que pertencia a família de Alcir (dono do Bambuzinho), passou a pertencer a João Macambira que tinha deixado de morar o sítio Riacho de Cima para residir na cidade e colocar a família no Colégio Estadual Edson Simões. Então, quando Betinho perguntou onde tinha um lugar para beber e tocar violão, lembrei-me na hora da bodega-bar de João Macambira, pois a filha dele, Genelice Gomes, tinha sido minha colega de sala de aula e ajudava ao pai no comércio citado.

Lembro-me bem, era umas 10:00 horas da manhã quando Betinho pegou o violão e nós dois saímos pela porta dos fundos da nossa casa e fomos para o citado lugar. Chegamos lá, Genelice nos recebeu muito bem e passamos a manhã e boa parte da tarde, Betinho tocando violão, cantando e a gente saboreando o repertório e a voz dele. Aquele saudoso momento foi o pontapé para que a bodega-bar de João Macambira se tornar durante um bom tempo o bar mais famoso da região, por ter se transformado no local onde iam os poetas, músicos, cantores e boêmios de São José do Egito, região do Pajeú, cidade do Recife e de outros Estados do Brasil. Vale citar que antes de 1979 os encontros poéticos e musicais aconteciam em São José do Egito em lugares diversos, mas nenhuma tinha uma rotina de poesia e música.

A bodega de João Macambira não tinha nada de glamoroso, era um estabelecimento comercial simples, com um pequeno cantinho reservado e transformado em bar. Entretanto, o glamour da poesia e da música deram durante um bom tempo a elegância do espírito artístico e a sofisticação da experiência sensível e estética. Nesse período, muitos jovens tinham saído de São José do Egito para estudarem nas universidades de Pernambuco e da Paraíba. Então, quando era o período de férias, os estudantes ávidos da vontade de beber, de trocarem ideias, de ouvirem música e poesia, assim que chegavam à cidade, iam para o bar. A embriaguez causada pelos goles de pitu se misturava com a devaneios dos imensos goles de música e poesia que eram ingeridos.

O ambiente artístico e boêmio se assemelhava ao Olimpo Grego onde Orfeu com sua lira e ao sabor do vinho cantava e declamava para as divindades mitológicas do antigo mundo. Embora, sem o glamour dos gregos, nós jovens, sedentos de artes, de literatura, de conhecimento geral, pois escutávamos a música brasileira e internacional e liamos diversos tipos de literatura, política e demais assuntos, e com isso, transformávamos o bar numa arena de discussões variadas e de apreciação da boa música e da poesia.

A bodega-bar João Macambira era a extensão familiar de todos os artistas, poetas, boêmios e até políticos que vinham de Recife visitar o Pajeú, e por obrigação, tinham que assinar o ponto da boa conversa e da vivência cultural da região dos poetas cantadores. O bar não tinha um completo lugar para se fazer as necessidades fisiológicas, e por causa disso, a casa dos meus pais era uma extensão do local.

A minha geração e a mais idosa frequentavam assiduamente o bar. Porém, era um tempo em que os estudantes tinham recurso financeiro quase zero, ao ponto de terem de fazer uma “vaquinha” para comprar uma simples “meota” de pitu (meia garrafa). A tensão era grande na vigília da dose do outro para que ninguém saísse na vantagem. Quando a situação de não termos dinheiro de jeito nenhum para meia garrafa de pitu, nós saímos pelo comércio pedindo dinheiro para comprar um caixão para uma dita idosa que morava na periferia e a família não tinha condição financeira para fazer o sepulto. O pessoal que contribuía afirmava logo: “vão lá, enterrar dona maria no bar de João Macambira!”. Quando não tinha tira-gosto, eu pedia a minha mãe o meu almoço para gente tirar o gosto dos graus brabos da aguardente pitu. O lindo era minha mãe, com seu jeito singelo, inocente e de bom humor chegando com o almoço para nos servir. Essas lembranças passeiam na minha mente, vindas do coração, para ascender a tocha de um tempo de sonhos, imaginações e a vivência de um estado de poesia permanente.

Nós, jovens, de calça jeans desbotada, cabelos longos, alguns de barba, estilo hippie Woodstock, carregávamos no peito a bandeira da liberdade, da contestação e das inquietações contra a ditadura que ainda prendia e assassinava nos “*subterrâneos do poder*” os ditos comunistas, entre eles, artistas e intelectuais.

Sob a égide de Caetano “É proibido proibir”, de Raul Seixas “faças do que queres pois tudo é da lei”, do hino contra a repressão, “Caminhando,” de Geraldo Vandré, em uníssono, erámos uma só voz no bar de João Macambira. Discutíamos a revolução cubana, o papel de Che Guevara na América Latina e a opressão e o controle dos Estados Unidos no nosso continente. A pitu, disputada aos goles, era apenas um pano de fundo das nossas discussões políticas, literárias e do saborear da boa música e da poesia de qualidade, feita pelos grandes poetas do vale do Pajeú pernambucano e do Cariri paraibano.

Sobre os tamboretas e cadeiras, num espaço de pouco conforto material, a sofisticação espiritual e intelectual dominava todo o ambiente humilde e de acolhimento por parte de João Macambira, sua esposa dona Xanda e sua filha GG (Genelice Gomes). O alto nível literário e musical embriagava as paredes, contaminava as mesas, os pedaços de algum tipo de carne e a própria aguardente pitu, pois os barris vindos das poesias e das músicas tinham um alto poder de

causar o torpor nas mentes e corações de todos nós e até nos objetos físicos que compunham o local.

Ao som do violão do meu irmão Betinho e de outros artistas, tanto de São José do Egito como de outros lugares, cantávamos as músicas da jovem guarda, da tropicália, da geração Zé Ramalho, Alceu, Geraldo Azevedo, Belchior, Ednardo, Zé Geraldo, Xangai, Vital Farias, Elomar, Luiz Gonzaga, e mais precisamente de Zé Marcolino. O mais gratificante é que Zé Marcolino, grande parceiro de Luiz Gonzaga, era um dos frequentadores do bar. Então, muitas e muitas vezes, somente com uma “meota” de pitu para a farra toda, usando frutas da época e outros tira-gosto baratos, ouvíamos o grande compositor de “Sala de Reboco” através da sua voz grave cantar para a gente suas músicas inéditas e seus clássicos que o Rei do Baião gravou. Sempre no final das farras, Zé Marcolino gostava de cantar “*Ladeira Tambuá*”, do grande poeta repentista Daudeth Bandeira. Outra presença musical, não tão constante, era o seresteiro João Pequeno, com sua voz a lá Vicente Celestino que vibrava nas paredes do bar quando cantava os grandes clássicos do seresteiro ou cancionero urbano.

Como São José do Egito faz parte do Pajeú dos poetas cantadores, sua expressão artística mais forte sempre foi a poesia. Nesse sentido, durante mais de uma década, o bar de João Macambira foi o local de encontro dos poetas da cidade e de outras regiões. Lourival Batista, Jó Patriota, Cancão (não tão assíduo) e outros poetas tinham no lugar citado o encontro boêmio literário para nos brindar com suas poesias e de outros poetas de vários cantos do Brasil e até de outros países. Alguns jovens, como eu, que estavam dando os primeiros passos na construção poética tinham como palco o bar da poesia. Embalados pela atmosfera grega literária, éramos pequenos deuses vivendo no Olimpo de João Macambira. Misturadas com os goles da aguardente pitu, ao invés de ser deglutidas, poesias e poesias eram declamadas para alimentarem os ouvidos de quem estava presente.

No período da Festa Universitária ou do Festival de Música Popular do Pajeú, no ápice da sua existência, usávamos a bodega-bar para confraternização dos momentos festivos culturais ao sabor da pitu, da música e da poesia. No palco dos tamboretas cantávamos as músicas dos compositores, juntos com eles, e recitávamos poesias de Rogaciano Leite, Bio Crisanto, Jó Patriota, Lourival

Batista, Pinto do Monteiro, Manuel Filó, Augusto do Anjos, Castro Alves e de tantos e tantos poetas do sertão nordestino, do Brasil e do exterior.

Muitos jovens, com o passar do tempo, concluíram o grau superior nas universidades de Patos, Arcoverde, Caruaru, Campina Grande, João Pessoa e Recife. Vários deixaram São José do Egito para morarem em outras cidades e outros ficaram trabalhando na cidade de origem. Os que não seguiram a carreira acadêmica se envolveram em atividades de trabalho privado ou autônomo, e devido a tudo isso, a bodega-bar de João Macambira foi ficando esvaziada com o passar dos tempo. O que antes era um local de encontro de poetas, cantores, cantoras, compositores e amantes das artes, aos poucos foi se transformando num espaço dos que no álcool vão buscar a fuga, como um caminho para suportar as dores de uma existência conflituosa.

Tudo sem seu auge e declínio, pois a vida tem essa plasticidade cheia de curvas, subidas e quedas. Então, com o passar dos tempos, os poetas da geração antiga partiram para outra vida, os da minha idade, alguns foram morar longe, e os que ficaram por causa do envolvimento com a profissão, aos poucos foram deixando de frequentar a bodega da poesia.

Hoje, seu João Macambira e dona Xanda não estão mais presentes na vida terrena, GG há muito tempo deixou São José do Egito, e na solidão física, a bodega-bar desbotada pelo tempo, de portas fechadas, talvez no silêncio das suas paredes internas chore de saudade ou veja os vultos dos que partiram para o plano espiritual.

Alguns jovens do passado que eram cabeludos estilo hippie dos anos 60 e 70, hoje de cabelos curtos e usando outras vestimentas, bem diferentes daqueles anos do sonho Woodstock da rebeldia cultural e social através da contestação, tiraram as calças jeans, quebraram os braços em riste contra a opressão e traíram a liberdade, a tolerância, o amor, a luta contra as armas e vestiram uma farda militar na alma para subirem no palco bolsonarista.

Nesses últimos 05 anos vi São José do Egito “*em brancas nuvens*”, com as “*mãos vazias de bandeiras*” revivendo a “*década das ausências*”, sem John Lennon, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Zé Marcolino, sem as vozes da bodega-bar e os sonhos de Woodstock. Pergunto, será que uma parte da geração está perdida?

Penso e sinto neste instante, aqui, no litoral da Paraíba de Augusto dos Anjos, de José Lins do Rego, no poema “A década das brancas nuvens” do pernambucano jornalista Geneton Moraes Neto, contra a ditadura militar. Ainda estou assustado com a tragédia brasileira bolsonarista e continuo decepcionado e fastado de alguns amigos do outrora bar de João Macambira que nos último 05 anos votaram e ainda defendem o governo militarista da maior tragédia social, cultural, ambiental e econômica da história do Brasil.

Gilmar Leite Ferreira

João Pessoa, 12/02/2023